

1

WEST

O sol brilha, o lago cintila e está outra maldita turista na berma da estrada a tentar tirar uma *selfie* com um urso.

E não com um urso qualquer. Com um *urso-pardo*.

— Devem estar a gozar comigo — resmungo enquanto travo suavemente a minha carrinha de caixa aberta e abano a cabeça. Não consigo ver bem a mulher, mas vislumbro umas calças de ganga justas, uma camisola curta e uma cascata de ondas castanhas soltas a cair-lhe pelas costas em vagas reluzentes.

Enquanto o urso procura comida na sarjeta atrás dela, ergue uma mão, apontando desvairadamente para ele e erguendo o telemóvel.

Estaciono à frente do seu *Tesla*. Porque é claro que conduz um *Tesla*. E tem de estar a uns bons nove metros dele, como se se tivesse ido aproximando aos poucos do animal.

Quando finalmente paro, por um momento, fico só a ver, em puro e estarrecido choque. Nos meses de verão, é costume assistir-se a este tipo de estupidez da gente da cidade em Rose Hill, mas nunca deixa de me espantar. É como se na lista de coisas a fazer antes de morrer, as pessoas passassem de gostar de *ver urso* para ter de *ser morto por um urso*.

Primo o botão para abrir a janela, porque não quero assustar o animal e sobretudo não quero sair da carrinha. Adoro viver, e os meus dias de testar esses limites ficaram — a maioria — para trás.

Assim, no tom mais calmo que consigo invocar, chamo-a.

— Minha senhora.

Mas ela continua a falar para a câmara, nitidamente a filmar-se sem a menor preocupação.

— Ia a descer casualmente por uma pequena estrada panorâmica quando zás, o mais bonito dos ursos desce para esta sarjeta atrás de mim.

— Minha senhora! — exclamo e aceno com o braço para lhe chamar a atenção. Talvez a minha voz indesejada no seu vídeo a traga de volta à realidade.

E traz. Vira-se para mim, de sobrolho franzido e olhos ardentes, com um rosto que reconheceria em qualquer lugar.

Um rosto que a maior parte do mundo reconheceria em qualquer lugar.

Sim, Skylar Stone, a superestrela da música *country*, está a fazer-me cara feia por ter interrompido o seu vídeo. Durante um momento, fico deslumbrado. Sem saber o que dizer. Suspeito que sei o que a traz aqui, mas não me dou ao trabalho de entabular conversa de circunstância numa altura destas. Não quero ficar conhecido como o gajo que não fez nada enquanto um urso-pardo faminto devorava uma adorada vedeta.

— O que foi? — pergunta ela, de braços bem abertos, como se não estivesse de costas para um superpredador imprevisível. — Agora, vou ter de regravar isto para as minhas redes sociais.

— Isso é um maldito urso-pardo. Tem de voltar para o seu carro — silvo-lhe, espetando um polegar por cima do ombro na direção do veículo.

Ela abana a cabeça e continua a fulminar-me com o olhar.

— Sabe do que estou mesmo farta?

— De viver? — questiono entre dentes, enquanto o instinto se apodera de mim e saio da carrinha. Por muito que gostasse de bater com a porta, deixo-a aberta para evitar fazer mais barulho. — Porque é isso que parece neste momento.

Ela argumenta.

— Não. Mas estou farta de que as pessoas me digam o que fazer.

Desce o olhar penetrante pelas minhas calças de ganga pretas desbotadas, presas nas coçadas *Blundstone* antracite, antes de voltar a subir

para a minha simples *T-shirt* branca. Os seus olhos demoram-se no buraco junto à gola e uma pequena ruga brota no seu nariz delicado, como se tivesse encontrado a prova de que eu não sou digno de lhe dar conselhos.

Aproximo-me com cautela, esticando o pescoço a fim de olhar para a ladeira, onde a reveladora corcunda parda espreita por cima dos arbustos. Oiço os seus graves grunhidos satisfeitos à medida que procura comida. Provavelmente, está a arrancar bagas de um arbusto como aperitivo antes de subir para desmembrar os nossos corpos como prato principal.

— Compreendo. A sério. Mas essa é capaz de não ser a colina ideal para morrer neste momento. Literal e metaforicamente. Se sobrevivermos a isto, eu mesmo a levo a um jardim zoológico e filmo o seu conteúdo para as redes sociais por si. E odeio redes sociais, mas não quebro promessas.

Ela segue o meu olhar e depois ergue o queixo para me encarar. Franze rigidamente os lábios cheios, em forma de coração, e semicerra-me os olhos cor de avelã, como mísseis prontos para serem lançados. Esconde o telemóvel ao cruzar os braços bronzeados.

Pura insolência.

Faz-me lembrar a Emmy, a minha filha de seis anos. O que só é enfatizado quando bate o pé. A diferença é que eu já teria enfiado a Emmy debaixo de um braço como uma bola de futebol e saído daqui há uns bons sessenta segundos.

— Está a comer. Nem sabe que estou aqui. E nunca tinha visto um urso ao vivo. — Quase choraminga a última parte, como se eu fosse o vilão que lhe está a estragar a diversão.

Fico de queixo caído a olhar para esta mulher. Tem uns brincos de diamante do tamanho de mirtilos maduros nas orelhas. São tão grandes que, se fosse outra pessoa, acharia que eram falsos.

— Oiça, eu percebo. Não há ursos na cidade. É uma experiência. Mas aquilo... — Aponto para o urso. — Não é o Ursinho Pooh.

A sua expressão é tensa ao lançar um olhar pesaroso à sarjeta. É como se visse a minha lógica, mas desejasse muito não ver.

Continuo, pois parece que a referência à ficção infantil acertou no alvo.

— O Igor não está preso num poço. O Piglet não anda por aí à procura de um pote de mel. Finja... finja só que eu sou a Coruja e que estou neste momento a dar-lhe conselhos muito sábios.

— Mas... há *bebés*. — Quase arrulha a palavra *bebés*, dizendo-a com ênfase adicional, como se isso devesse tornar esta situação enternecedora. Como se, de algum modo, trouxesse mais lógica ao seu comportamento irracional.

Mas qualquer pessoa que perceba de ursos sabe que as coisas acabam de ficar muito piores. Aproximo-me mais da sarjeta, como que precisando de os ver com os próprios olhos para confirmar o quanto esta situação é má. Estico o pescoço e, com efeito... lá estão eles. Dois.

— *Por favor* — digo, tentando uma abordagem menos imperiosa ao mesmo tempo que dou à voz o tom mais suplicante que consigo invocar. Estendendo um braço, dobro repetidamente os dedos sobre a palma, fazendo-lhe sinal para avançar como poderia fazer com um cavalo assustadiço. Enquanto treinador de cavalos, tenho muita experiência com esses. Só bravata, até que a perdem.

Deve captar a urgência no meu tom de voz, pois deixa descair os ombros e engole em seco enquanto os seus olhos dardejam para a frente e para trás entre os meus, parecendo avaliar se sou de confiança.

Finalmente, consigo um aceno e um passo hesitante para longe da sarjeta funda. Um forte suspiro de alívio sai-me dos pulmões aovê-la avançar na minha direção.

Mas esse alívio é fugaz, porque, assim que ela se afasta, o urso segue-a, como que preso a uma trela invisível.

Não o posso culpar.

É sedutora. Há algo nela que faz com que me seja difícil desviar o olhar. Vê-se no ecrã. Ouve-se na rádio. E é ainda mais acentuado em pessoa.

— Muito bem, boneca.

— Não me chame *boneca*...

— Tem de se calar — digo-lhe, mantendo um tom o mais regular possível. Desvio o olhar para o enorme urso a emergir da encosta atrás dela,

as suas unhas de dez centímetros a matraquear quando dá os primeiros passos no asfalto. O som fá-la paralisar. — Venha em direção a mim. Não corra. Não olhe para trás. Mantenha a calma.

Pestaneja furiosamente. Percebe-se que me quer mandar para o diabo, mas tem algum instinto de sobrevivência sob aquela atitude, porque segue as minhas instruções.

O urso solta um sonoro rugido, e a Skylar dá um passo em falso, os seus olhos arregalados cravados nos meus como se a sua vida dependesse disso. Aceno-lhe com a cabeça e volto a gesticular-lhe com a mão. Como se pudesse fazer mais alguma coisa por ela além de a orientar até chegar junto da porta aberta da minha carrinha e poder mergulhar nela.

Continua a andar, mas os seus passos aceleram ligeiramente. A sua respiração torna-se entrecortada. Começo a recuar em direção à minha carrinha, na esperança de que ela me siga.

— Linda menina. Está a sair-se bem. — Noutra altura, rir-me-ia de mim por falar com esta mulher como se fosse um cavalo. Neste momento, porém, a minha pele vibra de tensão e os meus músculos contraem-se, como que prontos para entrar em ação.

Ela assente, e então espreita por cima do ombro e solta um ligeiro guincho, como se tivesse acabado de perceber a enorme dimensão do urso que a segue.

Mas esse barulho não foi o mais correto a fazer. Porque o urso-pardo apercebe-se e fica subitamente mais interessado do que estava. Para e empina-se nas patas de trás.

O som que produz agora parece um ladrido, seguido de um farejar e de um inclinar de cabeça interessado.

Uma demonstração de curiosidade, não de agressividade.

Pelo menos, para já.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus — sussurra, a voz a sair-lhe embargada e lacrimosa.

Com uma mão estendida, invoco toda a calma no meu interior.

— Faça o que fizer, não cor...

Antes que eu possa dizer a palavra *corra*, ela precipita-se em direção a mim. E, contrariando o que seria o mais sensato para a maioria das pessoas, entro em ação sem pensar.

Corro direito a ela.

E ao urso.

O urso que agora esgatanya a estrada como se estivesse pronto para atacar. Dá alguns poderosos saltos em frente antes de recuar.

Em modo defensivo, faço a única coisa em que consigo pensar. Mal alcanço a Skylar, fecho os dedos sobre o seu bíceps e passo um braço por trás da sua cabeça antes de nos atirar ao chão. O meu corpo alto cobre o dela, mais pequeno, como um escudo.

Ela retorce-se contra mim.

— O que está...

Interrompo-a tapando-lhe a boca com a palma da mão, soerguendo-me sobre o outro braço e abanando a cabeça.

— Pare. Por favor, pare. Preciso que fique quieta e calada. E o urso provavelmente ir-se-á embora.

Ela esboça um aceno subtil. Suficiente para eu poder tirar a mão e cobrir o alto da sua cabeça com os meus antebraços.

Os seus aterrorizados olhos dourados voltam a perscrutar os meus, e sinto algo doce no seu hábito enquanto arqueja nervosamente para o ar entre nós. Tangerina e açúcar.

— Podemos chegar à sua carrinha?

Mal a consigo ouvir por cima do som do meu coração a palpitar-me nos ouvidos.

— Não estamos perto o suficiente e não me agradam as nossas hipóteses de sermos mais rápidos do que um urso-pardo.

— Está bem. — Lambe os lábios, nervosa, e vejo uma lágrima perdida escapar-lhe de um olho. Escorre-lhe pela têmpora antes de descer em direção ao ouvido. Sigo o rastro húmido com o olhar antes de ir ao encontro do dela e lhe dar toda a atenção, transmitindo uma calma exterior que não corresponde ao que sinto por dentro.

Mais lágrimas jorram enquanto olhamos um para o outro.

— Desculpe. — O seu soluço estrangulado atinge-me violentamente no peito.

Oiço o urso bufar à medida que se aproxima, a meros passos de nós. Juro que o chão treme sob o peso das passadas. Passos mais leves soam ao fundo da sarjeta. E parto do princípio de que sejam as crias.

Com o polegar, traço-lhe lentamente círculos suaves na coroa da cabeça.

— Está tudo bem. Vamos só continuar calados juntos e vai ficar tudo bem. — Sussurro-lhe as palavras, mas são mais para mim.

Ela pestaneja em reconhecimento, e eu também pestanejo. Depois, distraio-me a contar os matizes rodopiantes das suas íris. Castanho, dourado, verde, e um delicado cinza entrelaçado entre eles. No mínimo, quatro cores.

E, mesmo cobertas por um véu de lágrimas, brilham.

Não sei se alguma vez me tinha perdido tanto nos olhos de uma perfeita estranha.

— Diga-me de novo que vai ficar tudo bem. — As palavras são um sopro, tecido no silêncio da sua longa exalação. Mesmo tão perto, mal as oiço.

As pontas dos nossos narizes roçam-se quando baixo o rosto para o dela. Os meus lábios movem-se em silêncio contra a pele da sua face enquanto formo as palavras: *Vai ficar tudo bem*.

Em tempos, cometí muitas loucuras. Fiz algumas coisas a que me surpreende ter sobrevivido, para ser sincero. Mas sempre estive sozinho nesses momentos. Há algo em estar tão perto de outra pessoa, sabendo que pode ser a última coisa que vejo, que faz com que tudo à nossa volta se aquiete.

Merda, talvez esteja só a ficar velho e sentimental.

Então, sinto o hálito quente e húmido do urso-pardo ao farejar-me a parte de trás do pescoço. Uma arrepiante sensação de calma desce sobre mim, embora não devesse. Estou mais calmo do que tenho o direito a estar. Como se o meu corpo soubesse que não ajuda ceder à ansiedade crescente.

Porque, embora tendo visto a minha quota-parte de ursos enquanto crescia em Rose Hill, nunca sentira um a respirar-me para o pescoço. Sendo sincero, é uma experiência que dispensava.

Mas não tenho tempo para remexer na minha ansiedade. Preciso de conservar a compostura perante a Skylar. Assim, mantendo os olhos fixos nos dela, instando-a a ficar quieta, apesar de estar nitidamente tão longe do seu elemento que é como se estivesse noutro planeta.

Entreabre os lábios, e a respiração sai-lhe acelerada e frenética. Fecha os olhos com força. Consigo cheirar o urso, por isso de certeza que ela também.

Só suor, almíscar e sapatilhas de ginásio velhas. É avassalador. Trata-se de uma combinação que nunca esquecerei.

O sol bate-me nas costas, e o calor do enorme corpo do urso ao meu lado torna o momento absolutamente sufocante. Encosto a testa à dela e tento regular-lhe a respiração com a minha.

Três segundos para dentro.

Três segundos para fora.

Pouco depois, o calor torna-se mais suportável. O palpítante ma- traquear das unhas diminui. O fedor atenua-se um pouco. O rumorejar vindo da sarjeta dissipase, e parto do princípio de que as crias partiram também com a mãe.

A Skylar retorce-se um pouco e espreita para mim sob as densas pestanas.

— Viu os bebés? São tão giros.

Rodo a testa contra a dela enquanto contengo uma risada, perguntando-me como acabo constantemente na órbita de mulheres tão atrozes a seguir instruções simples — mesmo quando a sua vida depende disso.

— Vamos ficar calados — respondo apenas.

Não sei quanto tempo permanecemos deitados no chão, a inspirar e a expirar juntos. Cinco minutos? Dez? Tempo suficiente para ela dever ter cãibras nos nós dos dedos de apertar a minha camisola. Continua a tremer incontrolavelmente, por isso passo-lhe a mão pelo cabelo a fim de lhe aliviar os tremores.

Logicamente, sei que o urso seguiu caminho, mas ainda tenho a sensação de que posso olhar para cima e ver-me diante dele.

Assim, continuo onde estou, a acariciar a cabeça desta mulher e a tentar orientar-me antes de fazer menção de me levantar.

Para aligeirar o momento, digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Vi recentemente os resultados de um estudo que dizia que seis por cento dos americanos acham que podiam vencer um urso-pardo numa luta corpo a corpo.

— O quê? — A pergunta sai-lhe ofegante e murmurada, mas a sua expressão é de pura incredulidade.

— Eu sei. Consegue acreditar?

Ela olha para mim como que a questionar-se se falo a sério.

— Numa luta corpo a corpo?

Assinto antes de espreitar por cima da sua cabeça.

Nada de urso.

Ponho-me de joelhos e viro-me para olhar por cima do meu ombro.

Nada de urso.

Sento-me nos calcanhares e passo as palmas das mãos pelo meu cabelo cortado à escovinha enquanto observo todo o perímetro do nosso ponto da estrada.

Nada de urso.

Só céus azuis e um quente sol amarelo.

É com um suspiro entrecortado que volto a olhar para baixo... e vejo que estou em cima da Skylar Stone.

Os meus olhos prendem-se na linha graciosa da sua clavícula, na curva dos seus seios empinados sobre o decote da camisola. Fecho os olhos e abano a cabeça, mas não — continua aqui. Debaixo de mim.

Limpa os olhos com uma mão, mas não faz qualquer tentativa de me escapar. Fica deitada na estrada, com um ar lindo, aturdido e de-veras exausto. Roça os dentes no lábio inferior, como se estivesse a pensar profundamente. E não larga a minha camisola. Tem o braço esticado, e os seus nós dos dedos continuam brancos enquanto aperta o algodão.

Finalmente, um riso eufórico sacode-lhe os ombros.

— Quando dizem seis por cento, ainda assim... é talvez mais.

Suspiro, e então rio-me com ela.

— Sim, temos de excluir as crianças e os idosos.

— E as mulheres. — Bate-me com o indicador na anca.

— O quê?

Revira-me os olhos.

— Só um homem pensaria que pode lutar contra um urso-pardo com as próprias mãos.

— Giro, vindo da mulher que acaba de tentar tirar uma foto com um.

— Era um vídeo!

Levanto-me, sobre pernas periclitantes, e estendo-lhe uma mão a fim de a puxar para cima.

— Certo — digo, com um sorriso. — Para as suas redes sociais. Isso torna tudo *muito* melhor.

Ela desvia os olhos para a minha mão, mas todos os vestígios do humor anterior se apagaram. As tensões já estão ao rubro, e agora mostra-se irritada.

— Não me julgue. Nem sabe o que eu estava a fazer.

— Certo, o que estava a fazer?

Ergue o queixo.

— A criar conteúdos com os quais as pessoas se possam identificar.

— Isso é discutível. Terei de pesquisar a percentagem de americanos que já foram atacados por um urso-pardo na vida.

Por um momento, ela hesita, como que chocada com a minha piada espontânea.

— Não me conhece o suficiente para zombar de mim — protesta então entre dentes. Um resmungo frustrado ecoa-lhe na garganta enquanto bate agressivamente com a palma da mão na minha.

Com um puxão firme, ponho-a de pé. É porém mais leve do que eu esperava e desequilibra-se.

A sua mão livre pousa-me no peito para se firmar, a ponta dos dedos demasiado perto daquele buraco na minha camisola. Por um instante, fica a olhar fixamente, e então afasta-se com brusquidão, como se se tivesse queimado.

Posso não a conhecer, mas sei que ultimamente o seu rosto apareceu em todas as manchetes por ter bloqueado frente à câmara.

Hoje, porém? As palavras parecem fluir-lhe sem problema.

— Corria tudo bem até aparecer aqui armado em Crocodilo Dundee cruzado com... com... — Aponta para mim enquanto tenta encontrar o insulto certo. — Com o Super-Homem ou assim.

Ergo uma mão e arrasto-a pelo queixo.

— É o maxilar forte, não é?

— Não, é o complexo de herói insuportável.

Suspiro e cruzo os braços, estudando-a, divertido. Sempre a vi como uma dessas doces beldades sulistas. Toda risos airocos e oh, céus, em vez de palavrões e farpas cortantes.

Não estava a ver com atenção suficiente. Porque ela não é nada disso.

— E a... — Aponta com a mão para o meu corpo. — A presunção de sabichão.

Agora, sorrio de orelha a orelha.

— Ambos sabemos que lhe salvei a pele. Diga só obrigado.

Ela abana a cabeça enquanto se agacha para apanhar o telemóvel.

— Tê-lo-ia feito. Mas agora está a exigir-mo, e isso faz com que pareça forçado e falso. E estou farta de que todos me tratem como se lhes devesse algo. — Sacode as calças de ganga, a agitação a impregnar cada movimento seu enquanto tenta, sem sucesso, tirar o pó e a gravilha do corpo ao mesmo tempo que resmunga. — Skylar, faz isto. Skylar, faz aquilo. Skylar, sorri e acena. Skylar, agradece.

Com um suspiro cansado, para e ergue o olhar.

— Sabe que mais? Desculpe. Estou a ter um mau mês. Não merece esta merda. Hoje, já o fiz passar por muita coisa. Obrigada, pois mostrou-se disposto a morrer por mim. É novo e inesperado, e algo que terei de processar com a minha terapeuta.

Arqueio uma sobrancelha face à sua confissão. Continua a tremer, por isso tento prolongar a conversa. Dar-lhe um segundo para recuperar o fôlego.

— Um mau mês?

Um sorriso forçado aflora-lhe aos lábios, mas fraqueja enquanto pontapeia uma pedra com a sandália.

— Na verdade, é mais um mau ano.

— Já tive desses — respondeo, observando-a. Não posso deixar de me perguntar o que leva uma mulher aparentemente tão forte a agir como se não me conseguisse olhar nos olhos.

Redireciona a conversa com falsa jovialidade.

— Certo. Enfim, preciso de encontrar a Wild Rose Records. É um pequeno estúdio *boutique*. Novinho em folha. Talvez conheça o dono? Ford Grant? Vim pela via panorâmica e perdi-me. Estas estradas não estão identificadas e não há rede. E pensei que me faria sentir viva, tipo... atirar-me simplesmente à estrada. Percebe?

Rio-me com bonomia enquanto me viro para regressar à minha carrinha. Quando agarro na porta ainda aberta, espreito-a por cima do ombro. Parece linda, confusa e completamente desamparada.

E não me sinto minimamente intimidado com a sua explosão. Na verdade, agrada-me que tenha saído daquele momento aterrador toda aguerrida.

— Nada como uma experiência de quase-morte para nos fazer sentir vivos, certo? — Iço-me para a carrinha. — Siga-me e levo-a ao Ford Grant.

A Skylar dirige-se a mim com a surpresa pintada no rosto.

— Conhece-o?

Rodo a chave na ignição enquanto ela se aproxima da minha janela aberta.

— Pode dizer-se que sim.

Junta as sobrancelhas e mostra-se nervosa enquanto enfia o cabelo atrás das orelhas. Pela primeira vez, parece-me abatida.

— Desculpe. Estou só assoberbada com... com tudo. Foi aterrador, aquilo, e não sei como lhe agradecer. Acho que nunca ninguém esteve disposto a arriscar a vida por mim.

Di-lo com tanta ligeireza que me apanha desprevenido.

Que pena.

O pensamento surge-me instantaneamente na cabeça. Que pena ser-se adulto e nunca ter sentido esse tipo de lealdade. Ser-se tão amado como a Skylar Stone é, mesmo assim, não a sentir.

Quando ela espreita para mim sob as suas densas pestanas, lanço-lhe um piscar de olho tranquilizador.

— Pode agradecer-me parando de pedir desculpa. E depois pode entrar no seu carro e seguir-me.

Ela assente, voltando a cravar os dentes naquele distrativamente cheio lábio inferior.

— Nem sei como se chama.

— Weston Belmont. O Supercrocodilo-Dundee-Homem de Rose Hill, ao seu serviço — respondeo, com uma continência dramática.

Ela revira os olhos, e o fantasma de um sorriso aflora-lhe aos lábios. Bato com a mão na parte de fora da carrinha enquanto arranco.

Alegro-me por lhe ter salvado a vida, mas continuo a ter quatro cavalos com que trabalhar hoje, uma quinta com tarefas que parecem nunca acabar e dois filhos pequenos que necessitam do pai. Preciso de ir.

Por mais tentador que seja ficar aqui a conversar.

— Espere! Não quer saber o meu nome? — grita ela enquanto me afasto lentamente, dando-lhe tempo para entrar no seu *Tesla* e me seguir. Não respondo porque sei quem é. Há anos que sou um fã secreto da Skylar Stone.

Mas não a quero deixar desconfortável; portanto, não digo isso. Além do mais, teremos muitas oportunidades para conversar.

Porque, se ela vai a caminho da Wild Rose Records... estamos presentes a ser vizinhos.